

FILOSOFIA DA PSICOLOGIA: questões históricas

Philosophy of psychology: historical questions

Filosofia della psicologia: questioni storiche

Dilson Brito da Rocha ¹

Resumo: Neste estudo temos o objetivo de rastrear o itinerário histórico pelo qual atravessou a psicologia, em vistas a elucidação de seus fundamentos filosóficos, *conditio sine qua non* para uma visão panorâmica sobre essa que se tornou uma disciplina acadêmica. Ocorre que, a psicologia, desde tempos mais remotos, foi abarcada pela filosofia, não obstante, dado a instância positivista, se fez premente que ela se emancipasse da filosofia, a fim de agenciar um estatuto próprio e, a fortiori, passasse no projeto moderno de ciência. Neste senso, alguns teóricos se incumbiram dessa tarefa, tendo um resultado exitoso. De qualquer maneira, as axiomáticas bases filosóficas da psicologia são imprescindíveis para esse campo enquanto área de pesquisa, bem como para a psicologia aplicada.

Palavras-chave: Psicologia. Fundamentos filosóficos da psicologia. Ciência psicológica.

Abstract: In this study we aim to trace the historical itinerary that psychology has gone through, with a view to elucidating its philosophical foundations, *conditio sine qua non* for a panoramic view of what has become an academic discipline. It turns out that psychology, since ancient times, was embraced by philosophy, however, given the positivist stance, it became urgent that it emancipate itself from philosophy, in order to achieve its own status and, a fortiori, become part of the modern project. of science. In this sense, some theorists undertook this task, with successful results. In any case, the axiomatic philosophical bases of psychology are essential for this field as an area of research, as well as for applied psychology.

Keywords: Psychology. Philosophical foundations of psychology. Psychological science.

Riassunto: In questo studio, ci proponiamo di tracciare la traiettoria storica della psicologia, con l'obiettivo di chiarirne i fondamenti filosofici, prerequisito per una visione panoramica di quella che è diventata una disciplina accademica. La psicologia, fin dall'antichità, è stata inglobata nella filosofia; tuttavia, con il movimento positivista, è diventato urgente che si emancipasse dalla filosofia per

¹ Doutorando em Psicologia na UNESP/Assis; Mestrado em Filosofia pela UNESP/Marília; Mestrado em Teologia (Filosofia Patrística e Filosofia Escolástica) pela PUG/Roma, Itália; Graduação em Filosofia pela UNIFRAN/Franca; Graduação em Teologia pelo UNISAL/São Paulo; Graduação em Psicologia pela FIB/Bauru; Pesquisador vinculado ao grupo de pesquisa Estudos do Idealismo - GPEI na UNESP/Marília-CNPq. Faz parte do Grupo de Estudos em Fenomenologia e Filosofia da Psicologia - GEFefiP na UNESP/Assis-CNPq. Docente nas Faculdades Integradas de Bauru (FIB). E-mail: dilsondarocha@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0985180624055814>

raggiungere un proprio status e, a maggior ragione, diventare parte del progetto scientifico moderno. In questo senso, alcuni teorici hanno intrapreso questo compito, con risultati positivi. In ogni caso, i fondamenti filosofici assiomatici della psicologia sono essenziali per questo campo come area di ricerca, così come per la psicologia applicata.

Parole-chiave: Psicologia; Fondamenti filosofici della psicologia; Scienza psicologica.

1 INTRODUÇÃO

A psicologia é considerada uma ciência que estuda as estatísticas mentais e os processos emocionais, cognitivos, sociais e comportamentais em seus componentes conscientes e inconscientes, por meio do uso do método científico e/ou da adoção de uma perspectiva intrapessoal subjetiva. Para além, se dedica ao estudo do tratamento das funções psíquicas tanto em condições de bem-estar quanto de sofrimento ou sofrimento mental, decorrentes de dinâmicas subjetivas (intrapsíquicas), ambientais e/ou relacionais (interpsíquicas). (cf. Guedes, 1987, p. 34).

O nascimento da psicologia empírica ou experimental, razão pela qual foi fundada na ciência moderna, ocorreu sob uma perspectiva comum em 1879, quando o fisiologista e psicólogo alemão Wilhelm Wundt fundou o primeiro laboratório de pesquisa psicológica – psicologia experimental (*das Wundt-Laboratorium*) – na Universidade de Leipzig, na Alemanha, dado nos anos 1879. Esta data é considerada um marco, já que assinala o surgimento da psicologia como um ramo disjungido da filosofia.

Neste sentido, cumpre frisar que, quando asserimos de psicologia estamos tratando de uma disciplina nova, com apenas um século de existência. A despeito da terna idade, as indagações que nos tempos que correm classificamos de psicológicas remontam a séculos longínquos. (cf. Araújo, 2010, p. 25).

O termo "psicologia" deriva do grego antigo *ψυχή* (*psyché*), que pode ser traduzido por alma, somado à palavra *λόγος*, (*logos*), que indica discurso, estudo, ou seja, a palavra “psicologia” designa o estudo do espírito ou da alma. O significado do termo, introduzido no século XVI, permaneceu inalterado até o século XVII, quando assumiu o significado de “ciência da mente”. (cf. Silva, 2011, p. 22).

A palavra “psicologia” foi provavelmente introduzida em 1520, malgrado não apareça em seus escritos, pelo humanista e teólogo teuto Philipp Melanchthon, e aparece nas obras de seus discípulos Rodolfo Goclenio e Othone Casmanno, mas já antes Johann Thomas Freig, em sua obra *Quaestiones logicae ed ethicae* datada de 1574, trata de tópicos pertencentes à psicologia, e pela primeira vez usa esse termo para descrevê-los.

Pesquisas recentes também identificaram um uso do termo “psicologia” na obra perdida do humanista dalmata Marco Marulo, intitulada *Psychologia de ratione animae humanae*, que data de 1511-1518, muito embora o significado da palavra usada naquela época não seja claro. (cf. Mueller, 2001, p. 49).

O vocábulo “psicologia” tornou-se popular no século XVIII graças ao também alemão, o filósofo Christian Wolff, que o utilizou nos títulos de duas de suas obras, vale dizer, *Psychologia empírica*, de 1732, e *Psychologia rationalis*, de 1734. Em tais obras, o filósofo estabelece uma distinção entre psicologia empírica e psicologia filosófica, de maneira que a primeira busca identificar princípios que possam explicar o comportamento da alma humana, enquanto a segunda investiga as faculdades da própria alma.

O egrégio filósofo prussiano Immanuel Kant, posteriormente, criticou essa distinção, afirmando que uma psicologia racional não poderia existir. No entanto, Kant aceitou a validade da psicologia empírica, embora não a considerasse uma ciência exata, pois, sem a forma *a priori* do espaço, era impossível aplicar a matemática aos fenômenos psíquicos. Kant lançou, assim, as bases para uma psicologia que não era mais puramente filosófica, mas construída com critérios empíricos. (cf. Silva, 2011, p. 44).

Outrossim, com o presente estudo intentamos lançar luzes sobre a história da psicologia, de forma que essa área do conhecimento seja vista não como apenas uma ciência moderna, mas que tem um decurso – filosófico e epistemológico – permeado por concepções nem sempre convergentes. Justamente por isso, a psicologia tem como peculiaridade um saber vasto, isto é, ela abarca uma gama de questões.

Ademais, objetivamos mostrar como essa “ciência” ainda se encontra em constantes mudanças e renovações que, como queremos enxergar, é pertinente a um campo do conhecimento recente e epistemologicamente divergente das ciências naturais.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, intentando a coleta e análise de dados históricos, *conditio sene qua non* para perseguir os modos como a psicologia foi abarcada. Para levar a cabo nosso estudo recorreremos a autores comprometidos com a temática histórico-epistemológica da psicologia, sem, portanto, aprofundar uma ou outra abordagem em específico.

Para inclusão das obras utilizou-se alguns critérios, quais sejam: idioma, literatura concernente à temática explorada, e as que se encontram disponibilizadas na inteireza. Foram selecionadas 32 obras e usadas 12, nos valendo do acervo público, bem como do acervo pessoal. Pesquisou-se os descritores: Psicologia, fundamentos filosóficos da psicologia e ciência psicológica.

Urgiu explorar as bases históricas e epistemológicas da psicologia, área que remonta à época clássica da filosofia, reclamando um processo que nos conduzisse – por meio desse itinerário metodológico traçado – à psicologia enquanto uma área que pleiteou a cientificidade e, logo, a emancipação da filosofia histórica. Inicialmente, avaliou-se os títulos das obras e, posteriormente, realizou-se a leitura diligente, o que possibilitou a elaboração do presente exame. Como critério de exclusão foram afastadas obras que não atendiam ao tema ora rastreado em sua singularidade.

Em síntese, paragonamos a compreensão filosófica da psicologia com a psicologia moderna, quer dizer, científica, de modo que problematizamos sua cientificidade nos moldes modernos, já que se trata de uma disciplina que não tem um objeto de estudo estável, mas que vive em constante mudanças, ou seja, o ser humano mesmo.

3 PANORAMA GERAL

O início da história da psicologia como disciplina por si só é convencionalmente datado da segunda metade do século XIX, quando a investigação psicológica se abriu aos métodos das ciências naturais; deve-se enfatizar, no entanto, que a psicologia contemporânea está vinculada a objetos de investigação que, desde o Estagirita Aristóteles, e depois a Idade Média até o século

XIX, permaneceram quase inalterados: a percepção humana do mundo, a retenção de memórias (memória) e a capacidade racional (inteligência). Mesmo a antiga divisão da mente em faculdades permanece inalterada na divisão moderna em processos mentais.

O século XX testemunhou um florescimento de perspectivas e visões da psicologia, diversas tanto em nível metodológico quanto especulativo: do estruturalismo ao funcionalismo, do behaviorismo ao cognitivismo, da epistemologia genética à escola histórico-cultural; do cognitivismo HIP ao cognitivismo realista e, finalmente, à neurociência. (cf. Araújo, 2010, p. 21).

Cumprе salientar que, ao versar acerca de questões que giram em torno da história da psicologia, é impreterível explorá-las desde a gênese filosófica, colimando nas escolas nascentes da psicologia moderna. Tem-se que, a psicologia é abarcada no âmago da filosofia, o que remonta ao período clássico até o advento do positivismo que, no que lhe concerne, permeia irrestritamente as ciências, reivindicando a emancipação da metafísica, uma condição nevrálgica para a eclosão das especialidades.

Desse modo, ao seguir os lineamentos científicos a psicologia agenciou um estatuto intrínseco, sendo admitida como ciência, a despeito de suas peculiaridades. (cf. Guedes, 1987, p. 58). De qualquer maneira, a filosofia lega bases sólidas para a psicologia e, *a fortiori ratione*, lhe ampara a fim de que esta não incorra num gênero de reificação do sujeito, uma consequência periculosa da operação cientificista.

Temos que, como se dá em outras ciências, a psicologia e suas questões germinam da filosofia. Os gregos antigos foram os pioneiros na tentativa de sistematizá-la. O próprio binômio origina, como reportamos, do grego *psyché*. Assim, estudos de mote psicológico aconteciam cerca de 2.500 anos atrás. Nada obstante, a psicologia que conhecemos hoje, isto é, psicologia moderna, é erigida por Wilhelm Maximilian Wundt e William James. Eles preconizaram um projeto científico para desonerá-la de temas com teor metafísico. O escopo era aceder ao recinto acadêmico.

Para os teóricos, era impreterível separar os conteúdos abordados pela filosofia e, de forma síncrona, definir um método de estudo próprio para a psicologia. (cf. Silva, 2011, p. 41). *Grosso modo*, defendiam que a psicologia instava adquirir uma unidade, isto é, um objeto de estudo claro e bem definido, delimitando o campo de estudo, a fim de lograr *status* de ciência. Outrossim, na história da psicologia são considerados dois períodos, quais sejam, i- pré-história, com suas precursoras teorias filosóficas e ii- psicologia científica, pleiteada por Wilhelm Wundt e William James.

As questões psicológicas eram suscitadas por filósofos, teólogos e médicos. Já se interessavam por perguntas, como: O que é a memória? Como conhecemos o mundo? Qual é o tipo de temperamento das pessoas? Por que os seres humanos se comportam de determinada maneira e não de outra? E assim por diante. Daí a acertada frase do *expert* psicólogo alemão Hermann Ebbinghaus: “A psicologia tem um longo passado, porém uma história recente”. (cf. Bunge, 2002, p. 47).

[...] O interessante nesse ponto, é que essa nova faceta acaba por se mostrar mais importante do que a tradicional visão de Wundt como psicólogo experimental fundador do laboratório de Leipzig. Somos, então, surpreendidos com o fato de que *a psicologia científica, que tantas vezes se vangloriou de sua separação radical em relação à filosofia, é em sua origem parte de um projeto filosófico*. (Lopes, 2011, p. 92, nosso grifo).

Com efeito, se nos ativermos aos escritos de filósofos da envergadura de Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, René Descartes, Immanuel Kant, David Hume etc., encontraremos perguntas e respostas com estofo psicológico, malgrado não recebam esse nome, uma vez que não existia uma disciplina epitetada psicologia. (cf. Silva, 2011, p. 86).

O fato de a psicologia científica surgir no século XIX não é um evento adventício. De qualquer maneira, urgiu um projeto robusto para que ela dispusesse da distinção científica, uma chancela bem-quista naquele cenário no qual os dogmas eram cientificistas.

Verifica-se que, o ambiente em que a psicologia nasce está permeado pela filosofia moderna, assim como os temas que ela versa, de modo particular aqueles concernentes ao conhecimento e à subjetividade. (cf. Guedes, 1987, p. 67). Porquanto, esse contexto, marcado pelo auge da ciência moderna, cujo expoente foi Galileu, é assinalado por uma vasta gama de descobrimentos científicos e suas consequentes aplicações tecnológicas.

Em suma, temos que, o filósofo e matemático Bertrand Russell assevera que a ciência moderna começou perguntando sobre os astros, os corpos físicos na terra, depois sobre os seres vivos e, finalmente, acerca do comportamento humano. Logo, começou estudando o mais distante para, ulteriormente, estudar o mais próximo, quer dizer, a condição humana mesma. (cf. Kahhale, 2002, p. 121).

4 A EXIGÊNCIA DO POSITIVISMO

A psicologia floresce quando o positivismo, escola filosófica proposta por Auguste Comte, está em seu auge. Nesta esteira, considera-se que, as únicas ciências beneméritas de tal alcunha são aquelas experimentais, a exemplo da física, química, biologia e astronomia. Dessarte, qualquer disciplina que não cumprisse os requisitos científicos estabelecidos pelo positivismo não poderia receber o estrato de ciência.

Evidentemente, a psicologia não seria isenta de cientificidade, devendo acatar as pautas positivistas para que pudesse passar por esse crivo. (Guedes, 1987, p. 124). Dá-se que, na segunda metade do século XIX a filosofia, particularmente a metafísica, tinha pouco prestígio no recinto acadêmico das universidades, e sua relevância era cada vez menor, em razão de que prescindia dos experimentos.

Por isso, não é por acaso que Wilhelm Wundt instaurou precisamente um laboratório de psicologia experimental na Universidade de Leipzig, como aludimos há pouco. Precisava cumprir as exigências do dogma científico, pujante naquele momento, e que pretendia universalidade.

Para os primeiros psicólogos dessa era, tais como Wundt e James, promover a Psicologia como ciência implicava distanciar-se da filosofia e, com isso, adotar um ponto de vista empírico, não exclusivamente reflexivo, sobre as questões a ser tratadas. E promovê-la como ciência independente significava tentar delimitar um campo de estudos singular em relação ao da física, da biologia e da fisiologia. Esse setor específico ao qual se dedicar seria a subjetividade, tal como “descoberta” pela filosofia, mas abordada segundo as regras que regiam aquelas ciências naturais. (Verissimo, 2013, p. 537, nosso grifo).

Outro fato marcou o desenvolvimento da psicologia. Estamos nos referindo ao surgimento da polêmica sobre os distintos tipos de ciências que podem existir no interior do conhecimento humano. Com efeito, em 1883 Wilhelm Christian Ludwig Dilthey publica o primeiro volume de sua obra intitulada *Introdução às ciências do espírito*, na qual sustenta que a história, a filosofia, a psicologia, a arte etc. não podem lançar mão do mesmo método científico empregado pelas ciências da natureza, dado que seu objeto de estudo é distinto. (cf. Kahhale, 2002, p. 48).

Isso implica que, o método experimental não pode ser o *modus operandi* de investigação daquelas áreas do conhecimento ditas humanas. Em todo caso, poucos anos depois do advento da psicologia como disciplina formal apartada da filosofia, emerge esta polêmica, e, então,

decorrem perguntas, a saber, a psicologia é uma ciência da natureza ou do espírito? Ela deve explicar ou compreender as ações humanas? Dentre outras.

Dilthey, em oposição às ciências naturais, entendia que as disciplinas humanistas, ao se debruçarem sobre os seres humanos como entidades psicofísicas, não deveriam procurar regularidades ou “leis”, nem procurar o conhecimento que ousasse dominar o ambiente. Sua atenção se volta para o único e para a ação livremente escolhida – a ação humana –, portanto, só pode ser compreendida “de dentro”, em termos de intenções e crenças. (Grunenvaldt; Beber, 2009, p. 11).

Na efervescência da eclosão da psicologia como ciência temos que, depois que Wilhelm Wundt arquitetou a primeira corrente psicológica, designada estruturalismo, nos Estados Unidos nasce o funcionalismo promovido por William James, em Viena, Sigmund Freud desenvolve a psicanálise, na Alemanha a psicologia *gestalt* é impulsionada por Max Wertheimer, Wolfgang Köhler, Kurt Koffka e Kurt Lewin, e, por fim, em Maryland, nos Estados Unidos, John Broadus Watson engendrou o behaviorismo.

Dessa maneira, nos primeiros trinta e cinco anos de existência da psicologia como disciplina acadêmica já há cinco doutrinas psicológicas indagando distintos aspectos do comportamento humano e sua mente, como posturas teóricas diversas e, entre algumas delas, com convergências claras. (cf. Mueller, 2001, p. 57). De resto, durante a primeira metade do século XX segue a polêmica em torno da questão: o que chamamos de ciência? Esta querela segue como uma sorte de epicentro epistemológico na psicologia até os tempos que correm.

5 AS TRÊS ESCOLAS NASCENTES: a protopsicologia

Como vimos, depois que a psicologia passou a ser uma disciplina egressa da filosofia, surgiram diversos enfoques psicológicos em um curto período, de tal modo que, já no início desta disciplina, não existia uma psicologia singularmente, senão psicologias, desde um prisma multimodo. Vejamos, porquanto, o que sucedeu com as três primeiras correntes de psicologia, quais sejam, (i) estruturalismo, (ii) funcionalismo e (iii) behaviorismo.

O (i) estruturalismo, como reportamos outrora, foi a primeira doutrina de psicologia. Fundada por Wilhelm Wundt, pai desta disciplina moderna, desapareceu praticamente com sua

morte, ou seja, na terceira década do século XX. A contribuição primacial deste sistema psicológico foi a criação da psicologia como uma disciplina independente da filosofia.

Por conseguinte, se tornou isomorfa a uma ciência experimental, ao mesmo tempo em que foi entronizada nos centros acadêmicos como um novo campo do saber, ou melhor, com peculiaridades delimitadas. Inobstante, remanesceram questões insolúveis que circuitam em torno da divisa de seu (s) objeto (s) de estudo. (cf. Araújo, 2010, p. 35).

Por seu turno, o (ii) funcionalismo, que teve sua origem nos Estados Unidos da América, cujo precursor foi William James, e teve John Dewey como um de seus autores mais proeminentes, buscou indagar como funciona a mente humana. À vista disso, retomou a ideia darwiniana de adaptação, e investigou as funções da mente que possibilitam a adaptação do indivíduo ao seu ambiente. Esta é uma característica intrínseca à cultura estadunidense, uma vez que os habitantes provenientes da Inglaterra se concebiam como povos civilizados presentes em um continente selvagem.

O principal aporte de William James foi a consolidação da psicologia como uma disciplina legítima e acatada nas universidades do Estados Unidos. Ainda, seu estudo de como funcionava a mente consciente promoveu que o conhecimento psicológico tivesse uma aplicação prática.

Sem embargo, o funcionalismo nunca se constituiu como uma escola organizada, tão pouco sistemática e, como queremos enxergar, suprime pouco depois do estruturalismo. Nesse ínterim, facultou a transição para o advento do behaviorismo. (cf. Mueller, 2001, p. 163).

No que tange o (iii) behaviorismo, o início formal se deu em 1913 com a publicação do artigo intitulado *A psicologia como o behaviorismo a vê*, de autoria de John Broadus Watson. Neste artigo o fundador do comportamentalismo nega a existência de uma consciência interior, de estados mentais, e indigita o comportamento observável como o único e verdadeiro objeto de estudo da psicologia. Insta salientar, todavia, que essa nova proposta já estava presente em Wilhelm Wundt, com as devidas ressalvas.

O problema com a teoria lógica da mente é o mesmo que qualquer teoria psicológica assentada na noção de inconsciente psíquico [...] como falar da natureza desse inconsciente se, por definição, ele não pode ser conhecido? Como decidir entre um enunciado que afirma que a natureza do inconsciente é lógica e um que nega essa natureza se não há evidência empírica direta para nenhuma delas? Em suma, uma teoria do inconsciente dificilmente escapa de uma metafísica dogmática. *Essa constatação fará com que Wundt abandone a teoria lógica da mente e acabe considerando que há apenas um sentido legítimo para o termo inconsciente, que é o fisiológico.* (Lopes, 2011, p. 93, grifo do autor).

As bases filosóficas dessa terceira doutrina psicológica (comportamentalismo) foram o empirismo e o associacionismo ingleses. Por consequência, afirma que o ser humano é um organismo em branco - *tabula rasa* - que recebe estímulos do exterior, e aprende a se adaptar ao meio ambiente mediante os princípios de associação. Tal proposta teve grande corroboração nos Estados Unidos, e, na década dos anos trinta do século XX, era uma das principais doutrinas psicológicas.

O insigne continuador da abordagem behaviorista foi Burrhus Frederic Skinner. Este psicólogo e filósofo social sustentava que, se se controlasse ou modificasse o ambiente, se controlaria ou modificaria, como resultado, o comportamento do ser humano. Nesta seara, a possibilidade de que haja autodeterminação, liberdade ou processos mentais da consciência redundou preterida.

Não obstante sua expansão, o behaviorismo chegou no seu limite quando não explicou uma gama de comportamentos e, *a fortiori*, reduziu o ser humano a um mero organismo biológico que aprendia ou modelava seu comportamento. (cf. Figueredo, 1989, p. 104).

As limitações foram alinhavadas por Albert Ellis, que se desonerou da psicanálise e concebeu a Terapia racional emotiva-comportamental (*Rational Emotive Behavior Therapy - REBT*) no ano de 1957. No que lhe concerne, o psiquiatra, também norte-americano, Aaron Temkin Beck edificou, em 1963, a Terapia Cognitiva. (cf. Marx; Hillix, 1978, p. 29).

Desta maneira, ambos admitiram que, depois de receber os estímulos, no ser humano emergem processos cognitivos e emocionais que orientam sua conduta em outro sentido. Essa ideia avultante conduziu para o seguinte estágio dessa doutrina, que hodiernamente constitui um amplo espectro de posturas, sob o nome genérico de “terapias cognitivo-comportamentais”.

6 A RELAÇÃO DA PSICOLOGIA COM A FILOSOFIA E COM A CIÊNCIA

A psicologia, como muitas outras disciplinas, tem suas raízes na filosofia. Alguns filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, propuseram questões que ainda hoje constituem a base da pesquisa psicológica, mas foi somente no século XVII que um debate mais intenso sobre esses tópicos teve início. Foram filósofos como Descartes, Thomas Hobbes e John Locke que aprofundaram as reflexões e propuseram teorias sobre a mente humana.

Descartes, em particular, defendeu a existência de uma divisão clara entre mente (*res cogitans*) e corpo (*res extensa*), acreditando que algumas ideias eram inatas (ou seja, presentes na mente desde o nascimento). Hobbes e Locke, por outro lado, afirmaram a predominância da experiência, vista como o único processo capaz de desenvolver e organizar a mente humana, e criticaram a divisão entre mente e corpo proposta por Descartes. (cf. Figueredo, 1989, p. 87).

Apesar dos inúmeros esforços, essas investigações nunca deram origem à psicologia como disciplina científica. Como asserimos acima, a palavra “psicologia” tem uma história.

O termo “psicologia” remonta ao século XV, cunhado pelo filósofo alemão Philipp Melanchthon (Philipp Schwarzerd). Referia-se ao conjunto de conhecimentos psicológicos, filosóficos, religiosos, pedagógicos e literários de um ser humano. Em 1690, o filósofo inglês Locke publicou seu ensaio *Sobre o Entendimento Humano*, que reconstruiu o funcionamento da mente e forneceu uma base sólida para o raciocínio. A psicologia como disciplina científica nasceu na Europa na segunda metade do século XIX. Entre 1850 e 1870, vários cientistas, particularmente físicos e médicos, começaram a estudar a psique analisando sensações, emoções e atividades intelectuais. (Figueredo, 1989, p. 92).

Esses cientistas aplicaram metodologias das ciências naturais ao estudo da mente, dando origem à psicologia científica moderna. Essa mudança fundamental desencadeou o processo que levaria a psicologia a se tornar uma verdadeira disciplina científica. Até então, a psicologia estava intimamente ligada à filosofia, pois esta lidava com a natureza ou essência da alma. (cf. Guedes, 1987, p. 46).

Neste momento a psicologia era uma ciência, não filosófica, mas experimental: uma ciência porque era rigorosa, experimental porque se baseava no método indutivo, composto por observações e experimentos a partir dos quais hipóteses e leis eram formuladas.

Entre os precursores da psicologia moderna estavam: Charles Darwin, que propôs várias teorias da emoção; Franciscus Donders, que conduziu estudos sobre tempos de reação; Ernst Weber e Gustav Theodor Fechner, que deram origem à psicofísica ao estudar as relações entre estímulos e sensações; Hermann Ebbinghaus, um dos primeiros a aplicar o método experimental ao estudo da memória; Francis Galton, o pai da psicologia diferencial; Théodule Ribot, que contribuiu significativamente para a identidade da psicopatologia; e Alfred Binet e Arnold Gesell, pioneiros importantes da “psicologia infantil”. (cf. Japiassu, 1988, p. 82).

Como reportado, Wilhelm Wundt merece crédito por fundar a psicologia como disciplina acadêmica. Ele coletou e compilou uma vasta quantidade de material sobre a disciplina nascente e, graças à sua cultura, conseguiu dar ao assunto uma base conceitual e uma estrutura orgânica. Em 1873-1874, Wundt publicou *Fundamentos da Psicologia Fisiológica*,

obra considerada o primeiro tratado científico de psicologia da história. (cf. LOPES, 2011, p. 90).

Em 1875, Wundt tornou-se professor de filosofia em Leipzig, onde fundou um laboratório de pesquisa psicológica em 1879, como aduzimos. Estudantes e cientistas de todo o mundo afluíram a esse laboratório, conduzindo estudos sobre tempos de reação, atenção, associações mentais e a psicofisiologia dos sentidos.

Para Wundt, o objeto da psicologia era a experiência imediata, em oposição à experiência mediada, que era, em vez disso, o objeto das ciências físicas. Graças a essa definição e ao uso de um método rigoroso em experimentos, a psicologia foi definitivamente estruturada como disciplina científica e acadêmica. Por sua dedicação e pesquisa, Wundt é aclamado como o fundador da psicologia. (LOPES, 2011, p. 93).

A despeito do início da psicologia científica ter sido alvitado por Wilhelm Wundt em 1879, seus fundamentos filosóficos são irrefutáveis e, inclusive, a empreitada de Wundt tem uma embocadura filosófica. Ele mesmo foi docente de filosofia indutiva na Universidade de Zurique no ano de 1874, e na Universidade de Leipzig entre os anos 1875 e 1917. Neste seguimento, poder-se-ia proferir de uma história antiga, e, por outro lado, de uma história recente, as bases filosóficas e a ciência psicológica moderna, respectivamente.

Como demonstramos, há alguns eventos que circunscrevem a psicologia moderna. Nos anos 1850 iniciaram-se os primeiros estudos científicos alusivos à psicologia, no entanto, não sem ponderar as influências filosóficas. Porquanto, no séc. IV a.C. vemos reflexões acerca dos processos mentais sustentadas por Platão e seu discípulo Aristóteles - o Estagirita -, delineando, se quisermos, a trilha filosófica para o vindouro nascimento da psicologia acadêmica. (cf. Japiassu, 1988, p. 79).

O projeto da psicologia científica (moderna) travou embates, tendo como escopo se desvencilhar do mentalismo, e pleiteou a tese de que a psicologia emana da cisão com a psicologia “não-científica”. Nada obstante, os pressupostos filosóficos envolvem a fundamentação do projeto de Wundt, o que significa que a filosofia ocupa um papel crucial em seu programa. (cf. JAPIASSU, 1988, p. 87).

Assim, são prementes o exame sistemático e a ampliação dos horizontes do esteio filosófico da psicologia. Isso designa que o reconhecimento das ideias psicológicas imersas na filosofia é inadiável.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, podemos assegurar que, a gênese do pensamento psicológico se dá entre os gregos, perpassa a história da filosofia e desembocará numa psicologia científica moderna. Precisamente, advogamos que há uma relação estreita entre o conhecimento filosófico e a psicologia proposta por Wundt.

De todo modo, é imprescindível nos ater à relevância do pré-texto filosófico na psicologia, sendo que, *stricto sensu*, o rechaço dos teóricos modernos é à metafísica, o que, entre outros, Immanuel Kant operou, no âmago filosófico mesmo, com acuidade.

As investigações históricas dos textos psicológicos apontam, como explanamos, a vasta gama de conteúdo filosófico na psicologia. Isto posto, *exempli gratia*, Franz Brentano e o tão reportado neste estudo, Wilhelm Wundt, são reconhecidos contribuidores para o surgimento da nova psicologia.

Brentano se dedicou às apurações filosóficas (antiga e medieval), o que baliza a fenomenologia de Edmund Husserl e, irrestritamente, o próprio movimento fenomenológico que inaugura a filosofia contemporânea, ao passo que Wundt arrogou, nos laboratórios, uma ciência autônoma.

Filósofos com veio histórico-epistemológico e cientistas afiliados às matizes positivistas influenciaram o campo de perquisição da psicologia, de maneira que, negar as fontes filosóficas da psicologia corresponderia aniquilar sua história, a indelével tradição filosófica, que lega bases sólidas a essa nupérrima disciplina.

A filosofia da psicologia, da qual nos valem neste estudo, é um ramo sem o qual seria impossível examinar criticamente os fundamentos teóricos da psicologia como ciência. Essa área – psicologia da psicologia – é *conditio sine qua non* para um exame sistemático dos métodos dos quais a psicologia se vale. Quer dizer, a filosofia da psicologia analisa a validade dos métodos psicológicos, a coerência da teoria psicológica e as implicações filosóficas do escopo no âmbito psicológico, sem se furtar da história da psicologia.

Ao fim e ao cabo, neste estudo nos deparamos com questões fundamentais nem sempre solúveis, porém. Tais questões merecem investigações acuradas, vale dizer, quais são os critérios para definir um fenômeno mental? Como podemos acessar cientificamente toda a experiência subjetiva? Esse é um comportamento universal legítimo ou humano ou de todo indivíduo, único e irredutível a esquemas gerais? Pode a psicologia ser uma ciência sem excluir

as contingências de cada ser humano? O objeto de estudo da psicologia é singular ou plural? Tais indagações se mostraram impreteríveis, mas nem sempre resolvíveis.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. F. **O projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: uma nova interpretação.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.
- BUNGE, M. Y. ARDILA, R. **Filosofía de la psicología.** México: Siglo XXI Editores, 2002.
- FIGUEREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico.** Petrópolis: Vozes, 1989.
- GUEDES, M. C. (org.) **História da Psicologia.** São Paulo: EDU, 1987.
- GRUNENVALDT, J. T.; BEBER, I. C. R. **As ciências do espírito em Wilhelm Dilthey e as figurações em Norbert Elias: relações e afinidades por um caminho metodológico.** XII Simpósio Internacional, 2009.
- JAPIASSU, H. **Introdução à epistemologia da Psicologia.** Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- KAHHALE, E. M. P. (org.). **A diversidade da Psicologia: uma construção teórica.** São Paulo: Cortez, 2002.
- LOPES, C. E. Uma Arqueologia do Pensamento de Wilhelm Wundt: Por que a Psicologia Científica ainda não chegou ao século XIX? **Psicologia em Pesquisa**, UFJF, 5(01), 2011, p. 91-94.
- MARX, M. H., & HILLIX, W. A. **Sistemas e Teorias em Psicologia.** São Paulo: Cultrix, 1978.
- MUELLER, F.L. **História da Psicologia I: da antiiguidade a Bérghson.** Publicações Europa-América, 2001.
- SILVA, R. A. **Fundamentos filosóficos de la psicología.** México: El Manual Moderno, 2011.
- VERISSIMO, D. S. A revisão das antinomias na psicologia: Do racionalismo cientificista ao estruturalismo. **Psicol. Argum.**, 31(74), 2013, 537-546.